

# DO ÓDIO À PARÓDIA

O estereótipo antigalego na literatura  
espanhola do século XVII

ALEXANDRE PERES VIGO

ATRÁS  
editora



DO ÓDIO À PARÓDIA  
O estereótipo antigalego na literatura espanhola do século XVII

1ª edição, julho 2023  
© 2023 AGAL  
© Alexandre Peres Vigo

Associação Galega da Língua  
Santiago de Compostela (Galiza)  
atraves@a.gal  
www.atraves-editora.com

ISBN: 978-84-16545-86-5  
DL: C 1141-2023

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Valentim Fagim  
ADAPTAÇÃO E REVISÃO TEXTUAL: Iago Fraga, Maria José Diaz Pinheiro, Alba Soneira e Joana Palha  
DIAGRAMAÇÃO E CAPA: Miguel Durão  
QUADRO: *Feestvreugde bij een herberg*, Jan Steen, 1674, Museu do Louvre  
IMPRESSO NA GALIZA: Sacauntos Cooperativa Gráfica

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO: OS ESTEREÓTIPOS UM CONSTRUTO SOCIAL	11
OS ESTEREÓTIPOS NA LITERATURA	19
O ESTEREÓTIPO ANTIGALEGO	33
DA AVERSÃO MEDIEVAL À RIDICULARIZAÇÃO SEISCENTISTA	45
OS “MONSTRUOS GALICIANOS”	51
A IMORALIDADE: “GALLEGOS HONRADOS, AUNQUE GALLEGOS”	67
ENTRE BÊBEDOS E LADRÕES	95
SUJOS E MISERÁVEIS	113
HEREGES, IMPUROS E LASCIVOS	137
MESQUINHOS DE LÍNGUA TOSCA	153
CONCLUSÕES	167
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	169

## AGRADECIMENTOS

Há mais de dez anos que comecei um projeto de tese de doutoramento cujo final, naquela altura, não chegava a gizar nem a intuir. Era um tema, o da imagem/estereótipo do povo galego na literatura espanhola, que sempre me tinha chamado a atenção desde que, no liceu, o professor de Língua galega e literatura nos fornecera aquelas fotocópias com textos de Tirso, Lope de Vega ou Quevedo, que tanta impressão provocaram na turma. Mais um exemplo de como, por vezes, pequenos —e valentes— atos na docência podem deixar uma marca inesperada e surpreendente. O facto de aqueles textos terem ficado na minha retina estão em dívida, em grande medida, com o compromisso daquele docente em mostrar uma parte da nossa cultura e do nosso passado que ninguém mais estivera então disposto a oferecer-nos. Para aquele humilde e paciente professor que mal me lembrará, dedico o meu primeiro agradecimento, aquele que nunca lhe cheguei a dar mas que é obrigatório reconhecer.

Tal foi o interesse, a estranheza e a curiosidade que o tema continuou a suscitar em mim que, anos mais tarde, decidi reunir aqueles textos numa pequena publicação em linha, apenas destinada a amigos e à família. Foi naquele processo onde descobri, pela primeira vez, a monografia de Xesús Caramés Martínez, *A imaxe de Galicia e os galegos na literatura castelá* (1994), tantas vezes referenciada no interior deste volume. Apesar da sua latência, durante a minha formação universitária aquele tema passou a ocupar um lugar secundário, até um dia, passados não poucos anos, emergir novamente como objeto duma possível tese de doutoramento.

Ao Professor Manuel Ferreiro, reconhecido catedrático de Filologia galega e portuguesa da Universidade da Corunha, devo que tivesse aceitado dirigir aquela vaga ideia que finalmente tomou forma de tese sob o título *O estereotipo antigalego na literatura española moderna: xénese, desenvolvemento e consolidación*. Nunca deixarei de estar em dívida com ele pelo seu infatigável compromisso, exemplar determinação e imensa paciência, esta última apenas comparável à sua qualidade humana.

Como não pode ser doutro jeito, agradeço profundamente à Através a oportunidade com que me brindou para aquela tese defendida em 2021 ou pelo menos uma parte importante dela chegar hoje ao público sob a aparência que a nossa língua tomou ao sul do rio Minho: todo um sonho tornado realidade. Para além do resto das pessoas que trabalharam na edição deste livro, não posso evitar dedicar um especial louvor e agradecimento a Valentim Fagim, codiretor da Através e comprometido editor cujo enérgico labor, infinita compreensão e generosidade tornou possível, em definitivo, que esta publicação se materializasse. Fico em dívida com ele e com a Através, por toda a confiança depositada em mim e por colocarem todo o esforço neste projeto.

Além do mais, merecem uma menção significativa os companheiros e companheiras da faculdade de Filologia, as amizades e as pessoas mais chegadas, aquelas que se preocupam comigo e me têm dado o seu apoio desde sempre. Neste volume, é de justiça reconhecer o papel de amigos como Vítor Santalha, companheiro de promoção que me fez ver a luz em muitos aspetos, André Chamadoira, generoso camarada de grandes conselhos e, como não, da Sara Vidal, amiga com maiúsculas, música e artista que revelou Portugal perante mim.

Porém, se alguém merecer o maior reconhecimento, essa é a família, o motor último a quem tudo devemos. Juntamente aos meus avós de Meirás e Lago, quero agradecer, duma forma muito especial, ao meu pai, Constantino, à minha mãe, Carolina, e à minha irmã, Mercedes, todo o seu amor, entrega e fé em mim. Tudo quanto tenho, devo-o a vós. Do mesmo modo, só posso ter palavras de agradecimento para a Carla, a minha companheira de vida, a quem devo a alegria de viver e, também, a vida da nossa pequenina mais especial. Sem elas, sem eles, nada faria sentido.

INTRODUÇÃO:

**INTRODUÇÃO:**

**OS ESTEREÓTIPOS UM CONSTRUTO SOCIAL**

OS ESTEREÓTI-  
POS UM CONS-

TRUTO SOCIAL

Presentes na linguagem coloquial mais quotidiana, os estereótipos tornaram-se objeto de estudo desde a primeira metade do século XX. Desde então, o número de publicações e pesquisas não parou de se multiplicar em todo o mundo. Hoje, o estudo do fenómeno estereotípico já não se limita ao mundo da psicologia social, mas estende-se a ramos do conhecimento tão díspares como a linguística, a literatura ou a antropologia, entre muitos outros.

Longe do mundo da psicologia social, paradoxalmente as primeiras referências ao termo *estereótipo* estão ligadas ao mundo da impressão, no final do século XVIII, justamente quando se desenvolvia uma corrida tecnológica para desenvolver novos processos que acelerassem a impressão. Nesse contexto, será o impressor parisiense Firmin Didot (1764-1836) quem desenvolveria um protoindustrial capaz de publicar milhares de exemplares por meio de um único molde metálico que o próprio Didot batizou com o nome de *estereótipos*.

Apesar de o uso do termo *estereótipo* estar limitado no século XIX ao mundo da impressão parisiense, o seu uso estendeu-se da França para o resto da Europa e finalmente para o mundo. Ainda quando, como lembra Kurylo (2013: 2), tanto Rudman (1986) quanto Pickering (2001) documentaram o uso do termo em várias obras do século XIX, seria devido à publicação de *Public Opinion* (Nova York, 1922), escrito pelo americano Walter Lippmann, que os “estereótipos” adquiriram um novo significado. Especificamente, será no sexto capítulo de *Public Opinion* que Lippmann utiliza, pela primeira vez, o conceito de “estereótipos” para refletir sobre aquelas imagens e preconceitos fixos que deram origem ao conflito franco-alemão e que mais tarde acabariam levando à Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Se é verdade que não se pode atribuir a Lippmann nem a própria cunhagem do termo, típico da indústria gráfica, nem o seu uso fora desse contexto, não se pode negar a influência decisiva que a obra do nova-iorquino exerceu nos primeiros estudos da psicologia social, bem como na atenção dada aos estereótipos. Definidos por Lippmann de forma sucinta como “pictures in our head”, a verdade é que seria nos anos 30 do mesmo século quando Katz e

Braly realizariam o primeiro trabalho estritamente científico sobre estereótipos. Baseados em testes de caráter nomeadamente empírico, com eles ambos os pesquisadores procuraram conhecer a própria origem, existência e incidência dos estereótipos e preconceitos sociais no comportamento social humano.

No seu artigo “Racial stereotypes of one hundred college students” (1933), esses pesquisadores pioneiros no estudo dos estereótipos apresentariam as conclusões do seu trabalho de campo, centrado nas opiniões de vários juízes americanos relativamente a vários grupos étnicos. Convertido na atualidade num clássico da psicologia social, o artigo de Katz e Braly representa, ainda hoje, o ponto de partida dos estudos académicos sobre a origem e as características dos estereótipos. Não só isso: ambos os autores formularam, pela primeira vez, uma definição académica sobre estes construtos psicossociais, considerando-os como “a fixed impression which conforms very little to the facts it pretends to represent and results from our defining first and observing second” (1935: 181).

Cinco anos após a contribuição de Katz e Braly, seria nesta ocasião Allen L. Edwards quem avivaria o debate em torno da natureza dos estereótipos no seu artigo “Studies of Stereotypes: I. The Directionality and Uniformity of Responses to Stereotypes” (1940). Com ele, o autor americano deu maior importância ao caráter direcional dos estereótipos, entendidos como produtos de grupos estereotipadores sobre grupos estereotipados. Para além desta característica, Edwards também sublinharia a subjetividade do estereótipo, considerando-o como “a stimulus which arouses standardized preconceptions which are influential in determining one’s response to the stimulus” (1940: 357-358).

Uma década depois dessa contribuição veria a luz outra das obras de maior impacto dentro da psicologia moderna, *The Nature of Prejudice* (Nova Iorque, 1954). Escrito pelo professor Gordon W. Allport (1897-1967), com esta publicação estabelecer-se-ia um novo quadro teórico que foi fundamental para a maioria das pesquisas neste campo, com foco no chamado “processo de categorização” de que depende diretamente a criação dos estereótipos.



Considerado uma fonte clássica dentro do estudo dos processos de criação de estereótipos e preconceitos, Allport definiu o preconceito étnico como uma antipatia baseada numa generalização tão errada quanto inflexível, enquanto concebeu os estereótipos como crenças exageradas, associadas a uma categoria (1954: 191). Para Allport, a gênese dos estereótipos, como dos preconceitos, dependia diretamente de um processo de categorização que, na opinião do americano, facilitaria a identificação e percepção inconsciente dos objetos pelo ser humano, evitando lembrar cada detalhe, bem como estruturar uma enorme quantidade de informações.

Porém, foi nas décadas de 1960 e 1970 que se tornaram particularmente relevantes dois novos modelos explicativos que tratavam da origem dos estereótipos com uma perspectiva sociocultural; as teorias do conflito intergrupar (*Conflict theories*) e a teoria da aprendizagem social (*Social learning theory*). Dentro das primeiras, situam-se os estudos de Donald Campbell (1965) e Muzafer Sherif (1967) assim como a sua proposta, a chamada “teoria do conflito realista”. A partir da existência de contextos marcados pela hostilidade intergrupar, os preconceitos nasceriam, segundo eles, de um contexto de choque de interesses e rivalidade entre grupos pelos mesmos recursos.

Crítico de certos aspetos dessa teoria, seriam o polaco Henry Tajfel (1919-1982) e os seus colegas da Universidade de Bristol que matizariam, através de numerosas experiências, boa parte dos postulados da teoria do conflito real nos anos 70. Neste sentido, e para superar a “teoria do conflito realista”, Tajfel advogou a compreensão dos estereótipos por meio de uma teoria que integrasse processos cognitivos individuais com funções puramente sociais. Tajfel e John Turner (1979) desenvolveriam a conhecida como “teoria da identidade social”, ainda hoje considerada uma das principais contribuições para o estudo dos estereótipos. Nela, os seus autores enfatizaram a necessidade de os indivíduos definirem a sua identidade, tanto no sentido inclusivo, sentindo-se parte de um grupo próprio, como exclusivo, delimitando grupos alheios. O desejo de desenvolver uma imagem positiva sobre o grupo pró-

prio de pertença e a tendência a atribuir imagens menos positivas —ou negativas— sobre o grupo alheio estaria por trás da criação de estereótipos particularmente danosos sobre outros grupos humanos ou minorias.

Ainda marcado por uma focagem sociocultural, por outro lado, Albert Bandura desenvolveria, também na década de 70, o que se conhece como teoria da aprendizagem social. Com ela, Bandura manifestou a grande influência que os modelos aprendidos exercem sobre o sujeito durante o processo de socialização ao explicar a existência e perpetuação de estereótipos e preconceitos. Com esta perspetiva, e em contraste com as “teorias do conflito”, a proposta de Bandura destaca a relevância de certos elementos referenciais nos estereótipos, entre os quais o autor destaca a literatura, os média, o sistema educativo, o ambiente familiar e escolar ou os grupos de pares.

Em relação ao fenómeno estereotípico, cabe ainda citar, entre outras importantes contribuições académicas desenvolvidas na década de 80, o Modelo de Identidade Endogrupal Comum desenvolvido por Sam Gaertner e Jack Dovidio (1993) e, já na década de 90, a teoria da dominância e a teoria da justificação do sistema.

A teoria da dominação social, desenvolvida por Jim Sidanius (1993) e por Sidanius e Pratto (1999), representa desde o final do século XX uma das perspetivas mais inovadoras sobre discriminação e preconceito. Esta surge do facto de as sociedades humanas estarem organizadas hierarquicamente e verticalmente por grupos dominantes e grupos dominados. Os primeiros detêm o poder político-económico e gozam de um elevado status social, enquanto os segundos, carentes de autoridade e poder, ocupam as camadas mais desfavorecidas da sociedade (veja-se Sidanius & Pratto 1999). Segundo esta proposta, os grupos dominantes, para manterem a sua posição hegemónica, tendem universalmente a desenvolver ideologias e crenças que legitimam o seu *statu quo* em relação aos grupos dominados e concorrentes (Kravitz 2004: 74).

Dentro deste esquema, a funcionalidade justificadora e racionalizadora dos “mitos legitimadores” como instrumentos destinados a convencer os membros é particularmente relevante, quer